

# A MACROESTRUTURA NARRATIVA DO QUARTO EVANGELHO

---

*Ramiro Mincato\**

## **Resumo**

O presente artigo tem o objetivo de mostrar a relação existente entre a “estrutura literária” e “estrutura narrativa” do Quarto Evangelho. Por meio de critérios literários e elementos narrativos, as “quatro grandes partes” do Evangelho relacionam-se de modo a formar uma unidade orgânica e harmônica, literária e teológica. O trabalho consiste em caracterizar bem cada uma das quatro partes do Evangelho, e tentar descobrir, a partir daí, sua função no conjunto da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** “estrutura literária” e “estrutura narrativa” e “estrutura narrativa” do Quarto Evangelho; relação entre as partes do Quarto Evangelho.

## **Abstract**

*This article aims to show the relation between the “literary structure” as well the “narration structure” of the Fourth Gospel. By means of literary criteria and narrative elements the four parts of the Fourth Gospel have a relation and constitute an organic, literary and theological unity. The study intends to characterize the four parts of the Gospel and discover its function in the whole work.*

**KEY WORDS:** “Literary structure”; “narrative structure” of the Fourth Gospel; relation of the parts of the Gospel.

---

\* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

## 1 Introdução

Muitos tipos de estrutura podem ser demonstrados no Quarto Evangelho.<sup>1</sup> Todos os Evangelhos, no entanto, possuem uma estrutura fundamentalmente narrativa, como uma “história” da *vida de Jesus*: ministério público, paixão, morte e ressurreição. Assim também o Quarto Evangelho,<sup>2</sup> no qual Jesus é o narrador do Pai (cf. 1,18) e ao mesmo tempo ele é narrado por meio do *livro* (narrativa) para os leitores.<sup>3</sup> É uma obra teológica (Revelação) que narra por meio de *sinais e discursos* e pela elevação na cruz e ressurreição (glorificação) a histórica do Verbo Encarnado, *Messias e Filho de Deus*, em vista de *suscitar a fé* e assim *dar a vida aos homens*.<sup>4</sup>

A inteira trama do Quarto Evangelho está cheia, do começo ao fim, do conflito entre *fé e incredulidade*, que jogam papel fundamental no encontro das pessoas e grupos com o personagem principal, Jesus Cristo. Narra-se continuamente *o drama* da Palavra que veio para os da sua casa, mas eles não a receberam (cf. 1,11). É, de fato, uma obra de *revelação* narrada como um *drama*.

O objetivo deste artigo é, por meio do texto final do Quarto Evangelho, definir as várias partes macroestruturais do evangelho e

<sup>1</sup> Um apanhado completo de exposições sincrônicas do Evangelho é feito por G. Mlakuzhyil, que permite perceber a enorme riqueza e potencialidade do Evangelho, variedade de critérios e procedimentos. Como afirma A. Vanhoye na apresentação da obra: “o grande mérito desta obra é precisamente este, de ter feito recurso a múltiplos tipos de índices em vista de discernir e estabelecer uma estrutura” (cf. MLAKUZHYIL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel* (AnBib 117), Rome 1987, xvii-xviii).

<sup>2</sup> Uma apresentação da *estrutura narrativa* do Quarto Evangelho foi feita por PRETE, B. “Vangelo di Giovanni”, in *Il Messaggio della Salvezza*, VIII, Torino 1978, 62-66. Esta estrutura divide o Evangelho em quatro blocos principais: 1,1-18; 1,19-12,50; 13,1-20,31; 21,1-15. Uma estrutura do Evangelho a partir da *narração e discursos* é feita por DODD, C. H. *Interpretación del Cuarto Evangelio*, Madrid 1978, 289-442. Dodd divide o Evangelho em três partes (1,1-51; 2,1-12,50; 13,1-20,31) seguidas por um apêndice (*Jo* 21).

<sup>3</sup> O narrador nos introduz no mundo do relato e dos personagens e nos fornece a perspectiva para observarmos a ação; cf. CULPEPPER, R. A. *Anatomy of the Fourth Gospel*, p. 17. Culpepper analisa a *narrativa* descrevendo como a *trama* apresenta Jesus, que vai sendo aceito ou rejeitado. A identidade de Jesus é progressivamente revelada nos repetidos sinais e discursos; cf. *ibidem*, 89.

<sup>4</sup> Uma *estrutura* chamada de *revelação* é proposta, entre outros, por I. de la Potterie, cf. apresentação feita in MLAKUZHYIL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, 67-69. De La Potterie divide o Evangelho em duas grandes partes: 1-12 e 13-20. O mérito desta obra consiste em iluminar a relação existente entre a *estrutura literária* e o *tema* central da “revelação de Jesus”.

verificar como elas se relacionam, de modo a fazer emergir, a partir da narratividade, uma unidade orgânica e harmônica, literária e teológica.

## 2 A macroestrutura

Do ponto de vista narrativo o Quarto Evangelho compõe-se de quatro divisões macroestruturais: Introdução, dois grandes livros e conclusão (e mais um apêndice).

### 2.1 *O Livro dos Sinais*

A *primeira grande unidade* do Evangelho (2,1-12,50) pode ser chamada de “*livro dos sinais*”: vai do primeiro sinal em Caná até aquele de Betânia, a ressurreição de Lázaro, explicitamente indicado como “sinal realizado por Jesus” (12,18).

A unidade literária do Livro dos Sinais é confirmada pelos seguintes elementos:

- o termo σημεῖον ocorre 17 vezes no Quarto Evangelho, sendo que somente uma fora do primeiro livro, na conclusão do Evangelho (cf. 20,30);<sup>5</sup>
- o final do primeiro livro é determinado por uma intervenção direta do narrador com um *comentário teológico-conclusivo* sobre o *papel dos sinais* de Jesus em relação ao *crer* (12,37-43);<sup>6</sup>
- as palavras conclusivas de Jesus (12,44-50) são apresentadas como um “*discurso de revelação*” que conclui a primeira parte pois, retoma os seus temas: crer nele é crer naquele que o mandou; luz e trevas; julgamento e salvação; aceitação da palavra e rejeição; a vida e a palavra do Pai;
- as duas perícopes no final de Jo 12 funcionam como uma dupla conclusão. Alguns dos seus temas aparecem em três partes da estrutura: já tinham aparecido na *introdução* (1,1-2,11), vão

<sup>5</sup> Este número de ocorrências não deixa de ser importante, se compararmos com as vezes que aparece nos outros Evangelhos: 10 vezes em Mt, 7 em Mc e 10 em Lc. Cf. ERDOZÁIN, L. *La Función del Signo en la Fe según el Cuarto Evangelio* (AnBib 33), Roma 1968, 1.

<sup>6</sup> Dentro do processo dinâmico da revelação do Evangelho, as *introduções* e *conclusões* são dois elementos fundamentais na demarcação da estrutura e divisão da obra, pois esclarecem a finalidade própria do autor e dão preciosas chaves para descobrir o seu plano de conjunto; cf. MLAKUZHYYIL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, 137.

aparecer na *conclusão* do Evangelho como um todo (20,20-31)<sup>7</sup> e aparecem na *conclusão da primeira parte* (12,37-50): σημεῖα ποιεῖν (fazer sinais) aparece na Introdução (2,11), na conclusão do Livro dos Sinais (12,37) e na Conclusão final (20,30); o mesmo ocorre com πιστεύειν (crer),<sup>8</sup> com ζωη, [αἰώνιος] (vida eterna).<sup>9</sup> Outros termos ocorrem na Introdução e na Conclusão do Livro dos Sinais, como é o caso de φῶς;<sup>10</sup> φῶς ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον (luz que veio ao mundo);<sup>11</sup> κόσμος (mundo);<sup>12</sup> ἐν τῇ σκοτίᾳ (nas trevas);<sup>13</sup> ομολογεῖν (confessar);<sup>14</sup> δόξα (glória);<sup>15</sup> ο πατήρ (pai);<sup>16</sup> Ἡσαΐας ο προφήτης (Isaías, o profeta)<sup>17</sup> e κύριος (Senhor).<sup>18</sup>

Assim como o  *sinal* da mudança de água em vinho em Caná da Galiléia foi chamado de “primeiro sinal”, o *Primeiro Livro* deve começar em 2,1 e terminar em 12,50:

- o texto de 2,1-11 pertence também à introdução funcionando como *perícopete-ponte*, pois simultaneamente ela conclui a introdução (1,1-2,11) e introduz a *Primeira Parte do Evangelho* (2,1-12,50);<sup>19</sup>
- termina em 12,50, pois a perícopete (12,37-50) funciona como conclusão.

O “Livro dos Sinais”, do ponto de vista narrativo, relata os sete sinais realizados por Jesus ao longo do ministério público, começando exatamente nas Bodas de Caná. Jesus já é conhecido pelos seus discípulos e apresenta-se em plena atividade adulta, deslocando-se continuamente entre a Galiléia e Jerusalém. Os sete sinais, gestos

<sup>7</sup> Cf. delimitação da Introdução Geral e Conclusão Geral do Evangelho, abaixo.

<sup>8</sup> Aparece em Jo 1,6.12.50; 2,11; 12,37.38.39.42.44.44.46; 21,31.31.

<sup>9</sup> Jo 1,4.4; 12,50; 20,31.

<sup>10</sup> Jo 1,4.5.7.8.8.9; 12,46.

<sup>11</sup> Jo 1,9; 12,46.

<sup>12</sup> Jo 1,9.10.10.10; 12,46.47.47.

<sup>13</sup> Jo 1,5; 12,46.

<sup>14</sup> Jo 1,20.20; 12,42.

<sup>15</sup> Jo 1,14.14; 2,11; 12,41.43.43.

<sup>16</sup> Jo 1,14.18; 12,49.50.

<sup>17</sup> Jo 1,23; 12,38.39.41.

<sup>18</sup> Jo 1,23; 12,38. Cf. MLAKUZHYYL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, 90.

<sup>19</sup> Cf. abaixo a delimitação da Introdução. MLAKUZHYYL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, 154.

(expulsão dos vendilhões do Templo), diálogos (com Nicodemos, com a Samaritana, com Marta e Maria), o discurso revelatório aos discípulos (*Jo* 6), as controvérsias com os Judeus (*Jo* 5, 7, 8, 10) ao longo deste livro querem conduzir o leitor para a realidade da fé naquele que realiza os Sinais e que revela a sua “glória” por meio deles: a glória, que se revelará definitivamente na “hora” da elevação na cruz. Aquele que realiza os *Sinais* é chamado insistentemente com o título “Filho”, “Filho de Deus” e “Filho do Homem” numa proporção muito maior que no resto do Evangelho.<sup>20</sup> No Livro dos Sinais há a grande concentração dos títulos da *filiação divina* de Jesus.<sup>21</sup>

## 2.2 O livro da Hora

A *segunda grande unidade* (11,1-20,29) pode ser indicada como o “livro da hora, da conclusão da obra e da volta ao Pai, como vemos no comentário do evangelista: ‘*Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que sua hora tinha chegado de passar deste mundo ao Pai...*’” (13,1; cf. também 17,1b). O Segundo Livro está delimitado pelo início do Sétimo Sinal (seção de Lázaro que antecipa simbolicamente a Ressurreição de Jesus) e pela Conclusão Final (20,30-31).

A unidade do “Livro da Hora” pode ser confirmada pelos seguintes elementos:

- o “primeiro livro” preparava o “segundo”, pois os *sinais* foram narrados em vista *da hora de Jesus*, ou seja, a hora da paixão que é também a glorificação, ou a hora em que se revelará plenamente (cf. 2,4 4,23; 5,25.28; 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 16,4.25.32; 17,1; 19,14);
- o tema da paixão de Cristo é recordado no início da seção de Lázaro, pela prolepse de algo que já aconteceu, isto é, a unção de Maria (cf. 12,2);
- a unção de Betânia (12,1-8) é para o dia da sepultura de Jesus (cf. 12,7);

<sup>20</sup> Das nove vezes (se incluirmos 3,18) que ocorre o título ο υιός του θεού sete encontram-se no Livro dos Sinais; das 17 vezes que ocorre ο υιός, 15 comparecem no Livro dos Sinais; as quatro vezes de μονογενής estão nesse livro e das 13 vezes de ο υιός του ανθρώπου só uma está fora do Livro dos Sinais.

<sup>21</sup> Faz exceção o termo πατήρ que ocorre cerca de 120 vezes no Evangelho, de maneira bastante equilibrada, pois comparece 51 vezes na seção de 5-10 e comparece 52 vezes no *discurso de despedida* de 13-17. O título Χριστός (17 vezes) e Μεσσίας (2 vezes) concentra-se exclusivamente no Livro dos Sinais, à exceção da Conclusão do Evangelho em 20,31.

- o sinal de Lázaro é para a “glorificação do Filho de Deus”, isto é, sua exaltação na cruz (cf. 11,4);
- diante da decisão de ir à Judéia, os discípulos lembram que os “Judeus” procuravam lapidá-lo (11,8) e daí o convite de Tomé para os outros discípulos irem e “morrerem com Jesus” (cf. 11,16);
- depois da ressurreição de Lázaro, o Sinédrio decreta a sentença de Morte de Jesus (11,45-53);
- o tema da hora foi anunciado explicitamente na primeira parte: *É chegada a hora em que o filho do homem deve ser glorificado* (12,23).

A delimitação do Livro da Hora manifesta claramente que esta começa com a ressurreição de Lázaro e termina com a ressurreição de Jesus. É o livro que narra o cumprimento daquilo que os “sinais” significavam: o amor do Filho que ama até o fim e comunica o seu Espírito. Embora as ameaças à vida de Jesus tenham aparecido nas controvérsias, o verbo ἀποθνῆσκω (“morrer”) nunca tinha sido aplicado a Jesus antes de 11,16. A “hora” da glorificação de Jesus na cruz chegou (cf. 11,4). Depois da decisão do Sinédrio de matar Jesus (11,53), há a menção da proximidade da Páscoa em 11,55, em cujo contexto cronológico desenvolve-se quase todo o resto do Evangelho.

Como vimos acima,<sup>22</sup> há uma baixa incidência da terminologia da filiação divina no Livro da Hora, à exceção do termo path,r no *discurso de despedida* (13-17), que contém também 2 vezes o υἱός e 1 vez o υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου. Uma única menção de υἱὸν θεοῦ no relato da Paixão (19,7) nos confirma um diferente uso da terminologia nas duas partes principais do Evangelho.<sup>23</sup>

### 2.3 Introdução ao Evangelho

A *introdução geral* a todo Evangelho vai de 1,1-2,11. Esta parte está delimitada pela inclusão da palavra ἀρχή (princípio) em 1,1 e em

<sup>22</sup> Especialmente nas notas n. 20 e 21.

<sup>23</sup> O Livro da Hora é o da manifestação plena da “filiação divina de Jesus”, da sua “glória”, realidade que os títulos cristológicos da filiação divina do Livro dos Sinais apontavam. O “discurso de despedida” (Jo 13-17) consiste na assim chamada “Oração Sacerdotal”, por meio da qual Jesus se dirige ao Pai, chamando-o assim. Por ser basicamente um monólogo, não há espaço para um uso abundante dos outros títulos de Jesus.

2,11; como a palavra ἀρχή em 2,11 indica também o *primeiro sinal*, significa que este *sinal* funciona como abertura do “Livro dos sinais” (2-12).

Vários indícios literários amarram o Sinal de Caná com a Introdução ao Evangelho:

- a seqüência dos dias τῆ ἐπαύριον (no dia seguinte) em 1,29.35.e 43 ligam-se cronologicamente com o *sinal de Caná* pela indicação Καὶ τῆ ἡμέρα τῆ τρίτη em 2,1, completando assim uma semana simbólica no início do Evangelho;
- João Batista e seu testemunho estão presentes na parte narrativa (1,19-42) e no Prólogo (1,1-18);
- dois termos importantes δόξα (1,14.14; 2,11) e πιστεῦω (1,6.12.50; 2,11) unem tematicamente o Prólogo (1,1-18) e o Sinal (2,1-11);
- o tema da revelação ἐκθερμαι (1,18) e φανερώ (2,11) que estrutura tematicamente o Evangelho comparecem nas duas perícopes;
- e literariamente a inclusão de ἀρχή em 1,1 e 2,11 delimita esta parte.

Um outro elemento literário confirma essa delimitação da Introdução Geral (1,1-2,11), isto é, seu paralelismo quiástico com a Conclusão Geral (20,30-31).<sup>24</sup>

Toda *introdução* tem o objetivo de apresentar a obra ao leitor. No Quarto Evangelho a Introdução manifesta uma finalidade claramente *revelatória*. O “narrador” fez entrar em cena e apresentou ao “leitor” um enigmático (λόγος), informando sua condição divina e sua função (ζωή - φῶς) na criação e informando também que as trevas não puderam com ele (οὐ κατέλαβεν). Com a figura de João Batista, o narrador desloca a perspectiva para o campo da história, na qual o λόγος revelará o Pai, pois “a Deus ninguém viu”, mas o λόγος *relata* o Pai (ἐξηγέομαι);<sup>25</sup> o nome do λόγος é Jesus Cristo, o Unigênito de Deus. A

<sup>24</sup> Cf. MLAKUZHYYIL, G. *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, 147.

<sup>25</sup> O verbo ἐξηγέομαι significa “levar a”. O significado de “revelar”, porém, como é freqüentemente traduzido, não é atestado no Antigo Testamento, nem na primitiva literatura cristã (cf. W. BAUER, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, Chicago 1979, 275), onde significa “explicar, informar”, e especialmente “revelar [segredos divinos]”.

última frase do Prólogo convida a esperar o que virá em seguida, funcionando como um convite à leitura do Evangelho.<sup>26</sup>

A narração apresenta, depois do Prólogo, uma “semana inicial” com o testemunho de João Batista e a formação da comunidade de discípulos que confessam crer no *Messias/Filho de Deus* (1,19-51). Em seguida, apresenta a primeira manifestação da sua glória (2,1-11). À parte as duas ocorrências de *μονογενής* e *πατήρ* no Prólogo, ocorre duas vezes o título *ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ* e uma vez *ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου*. A introdução, do ponto de vista do vocabulário da *filiação divina*, abraça a temática de todo o Evangelho, ao lado dos outros títulos *Χριστός* (3 vezes), *Μεσσίας* (1 vez) e *Ἰησοῦς Χριστός* (1 vez).

## 2.4 Consideração final

A *conclusão geral* do Evangelho, obviamente, vem no seu final. Depois dela há ainda um relato do encontro do Senhor Ressuscitado com alguns discípulos no Mar de Tiberíades (21,1-23) e mais uma nota de caráter editorial (21,24-25). Este Apêndice foi acrescentado pelo redator final e não faz parte da *conclusão final* do Evangelho.

Do ponto de vista da estrutura literária e do seu conteúdo narrativo, é evidente que esta unidade forma uma compacta unidade cristocêntrica.

O início da conclusão (20,30-31), do ponto de vista literário, é feito pela conjunção *οὖν* que une a conclusão à bem-aventurança de Tomé (20,29), ponto culminante e final das aparições do ressuscitado do cap. 20 [*μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες* (“*Bem-aventurados aqueles que, sem ter visto, creram*”)]. Sua unidade é garantida

<sup>26</sup> O Prólogo possui quatro importantes funções narrativas: *interativa*, *intertextual*, *intratextual* e *introdutória*. A primeira consiste em estabelecer um vínculo entre leitor e texto; para isto a instância autoral serviu-se de um hino tradicional e aceito; a instância autoral deixa-se ver na 1ª pessoa do plural dos v. 14 e 16; infunde confiança no leitor enquanto voz narrativa que conhece os mistérios supratemporais. Com a função *intertextual*, o Prólogo evoca o mundo cultural e religioso de seu auditório potencial, fazendo ressoar em traços iniciais a temática da criação, da sabedoria e da revelação. A função *intratextual* consiste em situar os elementos constitutivos do mundo do relato: apresenta-se a verdadeira identidade de Jesus como *Logos* em relação a Deus, ao mundo, a João Batista, ao grupo hostil e ao grupo crente; o argumento central é soteriológico, não episódico; os temas teológicos da obra estão aqui compendiados (vida, luz, trevas, glória, crer, mundo, etc.); a intenção da narração consiste em ajudar o leitor a transitar de uma fé vacilante para uma fé mais sólida e acabada. Finalmente, a função *introdutória* do Prólogo quer despertar a curiosidade do leitor (cf. ZUMSTEIN, J. ‘Le Prologue, seuil du quatrième évangile’, *RechSR* 83 (1995) 217-239).

pela articulação das duas frases por meio das conjunções μέν e δέ. Além disso, o v. 30 une-se fortemente ao v. 31 pelo significado de μέν οὖν... δέ (v. 30: πολλὰ μὲν οὖν... v. 31: ταῦτα δε...) estabelecendo um jogo de contrastes entre ambos. Além disso, a relação entre a frase negativa no final do v. 30: ἃ οὐκ ἔστιν γεγραμμένα ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ (“*que não estão escritos neste livro*”) contrasta com a frase positiva no início do v. 31: ταῦτα δὲ γέγραπται (“*estes foram escritos*”) sublinhando a união feita pela palavra-gancho γεγραμμένα e γέγραπται.

O início do capítulo 21, com a indicação literário-cronológica μετὰ ταῦτα, assinala um novo começo (cf. 3,22; 5,1; 7,1).

O acento cristológico da Conclusão Final é sublinhado pela presença do nome *Jesus*, que ocorre nos dois versículos, e pela referência ἐν τῷ ὀνόματι αὐτοῦ “*em seu nome*” no final. “*Jesus fez muitos sinais*” e “*Jesus é o Cristo o Filho de Deus*” demonstram a conexão entre “sinais” e “revelação”, pois os sinais feitos diante dos discípulos revelam a identidade de Jesus como Cristo, o *Filho de Deus*. O vocabulário que repete aquele da Introdução [*vida* (1,4.4; 20,31); *crer* (1,6.12.50; 20,31.31); *em seu nome* (1,12; 20,31), *Cristo* (1,17.20.25.41; 20,31); *filho de Deus* (1,34.49; 20,31), *sinal* (2,11; 20,30); *discípulos* (1,35.37; 2,2.11; 20,30)] num claro paralelismo, acentua o caráter cristológico do Evangelho como um todo.

## 2.5 Apêndice (21,1-25)

O cap. 21 não faz parte da seção anterior, pois inicia com a expressão cronológico-literária (μετὰ ταῦτα: 21,1<sup>27</sup>) que serve para assinalar um novo começo.<sup>28</sup> Trata-se de um acréscimo ao Evangelho.<sup>29</sup>

## 3 Conclusão

A partir dos elementos acima, o Quarto Evangelho apresenta uma estrutura dinâmica e bem articulada, que é confirmado pela conclusão geral do Evangelho. Nesta última, a voz do narrador apresenta o

<sup>27</sup> Μετὰ ταῦτα é uma das palavras de conexão preferidas pelo narrador: “Depois destas coisas” ou “depois disso”, onde “estas coisas” ou o “isso” são os eventos do cap. 20. Cf. STIBBE, M.W.G. *John*, 206.

<sup>28</sup> Ver acima a delimitação da Conclusão geral, que serve para indicar a ruptura com o Apêndice.

<sup>29</sup> Cf. Há uma lista de especialistas que atribuem o Apêndice ou ao Evangelista ou ao Redator, in: BROWN, R. E. *The Gospel according to John XIII-XXI*, New York, 1970, 1080.

Evangelho como uma obra literária (ταῦτα δὲ γέγραπται v. 31), lembra que os sinais podiam ser vistos pelos discípulos (ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς ἐνώπιον τῶν μαθητῶν [αὐτοῦ]), o que os interpela em seu papel de testemunhas. Os discípulos cumprem a função de avalistas da *visibilidade* dos sinais. O autor quer, por meio do escrito, ajudar uma comunidade na opção de fé em Jesus Cristo. Ele interpela diretamente o narratário (2ª plural), que é a razão principal da obra,<sup>30</sup> para que aceite a revelação de Deus na pessoa de Jesus,<sup>31</sup> ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, o que trará como resultado o “*viver em nome de Jesus*”.<sup>32</sup>

A óptica do narrador é pós-pascal e a fé que ele comunica, neste nível, é da alta cristologia da comunidade joanina.<sup>33</sup> Quem crer

<sup>30</sup> Ao invés de analisar que tipo de leitor o narrador supõe (destinatários originais do Evangelho – ou leitores reais) ou quer criar (leitor implícito), limitamos a análise a um critério metodológico mais simples: normalmente a “moldura” de uma obra literária é lugar específico onde se estabelece a comunicação entre o “narrador” e o “leitor”. Ela funciona como uma “dobradiça” de delimitação e conjunção entre o mundo do texto e o mundo real. A “moldura” fecha a obra na sua unidade intrínseca exatamente quando a abre ao mundo externo, ao mesmo tempo que fixa a fronteira e lança uma ponte de comunicação. O “Prólogo” e o “Epílogo” de um relato são os lugares convencionais da “moldura”, onde o narrador-autor comunica-se abertamente com o seu leitor, o faz compreender o que poderá esperar do relato, e vice-versa, o que lhe será exigido para poder compreender. Cf. VIGNOLO, R. *I Personaggi del Quarto Vangelo*, 46-47.

<sup>31</sup> O eixo confessional messiânico entra na trama em 1,19 e a sustenta durante os 12 primeiros capítulos 1,20.25.41; 3,28; 4,25.29; 7,26.27.31.41.41.42; 9,22, 10,24; 11,27; 12,34; 20,31.

<sup>32</sup> O verbo πιστεύ[σ]ητε (crer) dependendo da lição escolhida, poderá ser um subjuntivo aoristo (*para que chegueis a crer*) ou um subjuntivo presente (*para que continueis a crer*). Uma minuciosa crítica textual propõe decididamente a opção do subjuntivo presente, o que determina, então, o endereço do Evangelho. Ele é dirigido aos seus, para seus grupos, que são uma comunidade de fiéis em Cristo. Cf. FEE, G.D. “On the Text and Meaning of John 20,30-31”, in: FRANS VAN SEGBROECK et al. (ed.), *The Fourth Gospel*, Fs. F. Neirynck, Leuven 1992, III, 2198. O tempo subjuntivo presente indica que a comunidade deve ser levada a um progresso na fé que já tem, e não simplesmente a iniciar a fé como uma ação pontual (subjuntivo aoristo) que começa agora, como na pregação do querigma. Esta escolha não exclui de per si uma intenção missionária. Cf. nota da Traduction Oecuménique de la Bible.

<sup>33</sup> O narrador permite entrever o “autor implícito” participando da alta cristologia da comunidade joanina. O mesmo ocorre quando o autor implícito relata retrospectivamente as palavras de Jesus sobre o papel do Paráclito, o Espírito da Verdade, que ensinará aos discípulos todas as coisas, recordando-lhe o que Jesus disse (cf. 14,26) e dando testemunho a respeito dele (cf. 15,26). Por isso o narrador, em seu ponto de vista pós-pascal, pode confirmar a veracidade inclusive do Discípulo Amado (cf. 19,35; 21,24-25).

nele tem a vida *já agora* (ζωὴν ἔχητε). Se o narratário não comunga com o autor, o objetivo da obra terá fracassado, e com ela a própria Revelação.

Em sua estrutura narrativa podemos observar que o Evangelho é refletido e comentado pelo seu próprio autor, para levar o leitor a superar o nível da narrativa, e reconhecer uma teologia mais profunda.<sup>34</sup> começou com a abstração *metanarrativa* do Prólogo onde apresentou aos narratários sua fé em Jesus identificado com o λόγος. Em seguida narra dramaticamente o percurso terreno deste λόγος na Introdução Querigmática e histórica e no Livro dos Sinais, culminando na Revelação da Glória na Cruz, no Livro da Hora. A fé do narrador é claramente manifesta na alta cristologia do Prólogo e da Conclusão. No Livro dos Sinais e no Livro da Hora, o narrador procura levar seus leitores a essa fé cristológica que ele confessa. A divindade de Jesus narrada no Prólogo vem expressa na interpelação do narrador na Conclusão: ἰῆα πιστευσθε ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ κρὶς ὁ υἱοῦ τοῦ θεοῦ, que é provavelmente o motivo composicional mais importante, com os termos estrategicamente dispostos na obra literária: χριστὸς εἶ ο υἱὸς τοῦ θεοῦ.

---

<sup>34</sup> Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2000, p. 22.

## **FACULDADE DE TEOLOGIA DA PUCRS**

A Faculdade de Teologia da PUCRS oferece os seguintes cursos de Pós-Graduação:

### **CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***

- MESTRADO EM TEOLOGIA  
Coordenador: *Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin*

### **CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU***

- ENSINO RELIGIOSO  
Coordenador: *Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin*
- PROCESSO MATRIMONIAL CANÔNICO  
Coordenador: *Prof. Dr. Manoel Augusto Santos dos Santos*
- ESPAÇO LITÚRGICO E ARTE SACRA  
Coordenador: *Prof. Dr. Luiz Carlos Susin*

### **FATEO-PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 5 sala 407  
Caixa Postal 1429  
90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil  
Fone: (51)3320-3572 – Fax: (51)3320-3613  
[www.pucrs.br/fateo](http://www.pucrs.br/fateo)  
e-mail: [teologia-pg@pucrs.br](mailto:teologia-pg@pucrs.br)

---